

Autoeficácia na formação superior em estudantes suspeitos de dislexia: relações com história de leitura e sintomas depressivos

Mara Dantas Pereira

Doutoranda do Programa de Pós-Graduação de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (PPGPSI/UFBA) e mestra em Psicologia (PPGPSI/UFBA)

✉ maradantaspereira@gmail.com

Daniela Couto Guerreiro Casanova

Doutora em Educação na área Psicologia Escolar da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Pesquisadora Associada do Centro de Estudos e Pesquisas (TSC), Bragança Paulista/SP.

✉ danielaguerreiro@yahoo.com.br

Joilson Pereira da Silva

Doutor em Psicologia pela Universidade Complutense de Madri-Espanha. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGPSI/UFS)

✉ joilsonp@hotmail.com

Recebido em 10 de janeiro de 2024

Aceito em 11 de novembro de 2025

Resumo:

Este artigo investigou as relações entre autoeficácia na formação superior (AEFS), história de leitura (HL) e sintomas depressivos em estudantes universitários com suspeita de dislexia. Trata-se de um estudo de abordagem quantitativa, do tipo descritivo e transversal realizado com 303 estudantes universitários, com média de idade de 21,4 anos, sendo 64% do sexo feminino. Os dados foram coletados em abril de 2022, por meio de um formulário on-line que incluía o questionário sociodemográfico, a escala de autoeficácia na formação superior, o questionário de história de leitura e a escala hospitalar de ansiedade e depressão. O tratamento dos dados foi realizado por estatística descritiva e inferencial (testes U de Mann-Whitney, Tau-b de Kendall e Regressão Linear Múltipla). Os resultados evidenciaram um possível risco leve de dislexia, possibilidade de depressão e autoeficácia moderada nos participantes. Além disso, diferenças significativas entre homens e mulheres foram encontradas: universitários apresentaram maior risco de dislexia enquanto universitárias exibiram níveis mais elevados de depressão. Foi também identificado uma correlação moderada e negativa entre AEFS, HL e sintomas depressivos. Outrossim, a autoeficácia pode ser um preditor significativo da presença de indicador de risco para dislexia a partir da HL e dos sintomas depressivos em estudantes de ambos os sexos. É importante incentivar estratégias para o manejo da depressão e incluir ações pedagógicas para aumentar a AEFS durante os cursos universitários em programas de apoio das universidades.

Palavras-chave: Autoeficácia, Dislexia, Saúde Mental, Educação Superior.

Self-efficacy in higher education among students suspected of dyslexia: relationships with reading history and depressive symptoms

Abstract:

This article investigated the relationships among higher education self-efficacy (HESE), reading history (RH), and depressive symptoms in university students with suspected dyslexia. This is a quantitative, descriptive, and cross-sectional study conducted with 303 university students, with a

mean age of 21.4 years, 64% of whom were female. Data were collected in April 2022 through an online form that included a sociodemographic questionnaire, the higher education self-efficacy scale, the reading history questionnaire, and the hospital anxiety and depression scale. Data analysis was performed using descriptive and inferential statistics (Mann-Whitney U tests, Kendall's Tau-b, and Multiple Linear Regression). The results revealed a possible mild risk of dyslexia, potential depression, and moderate self-efficacy in the participants. Furthermore, significant differences between men and women were found: male students presented a higher risk of dyslexia, while female students exhibited higher levels of depression. A moderate and negative correlation was also identified between HESE, RH, and depressive symptoms. Moreover, self-efficacy may be a significant predictor of the presence of a dyslexia risk indicator based on RH and of depressive symptoms in students of both sexes. It is important to encourage strategies for managing depression and to include pedagogical actions to increase HESE during university courses within university support programs.

Keywords: Self-efficacy, Dyslexia, Higher Education, Mental Health.

Autoeficacia en la formación superior en estudiantes con sospecha de dislexia: relaciones con historia de lectura y síntomas depresivos

Resumen:

Este artículo investigó las relaciones entre autoeficacia en la formación superior (AEFS), historia de lectura (HL) y síntomas depresivos en estudiantes universitarios con sospecha de dislexia. Se trata de un estudio de abordaje cuantitativo, de tipo descriptivo y transversal realizado con 303 estudiantes universitarios, con una media de edad de 21,4 años, siendo el 64% del sexo femenino. Los datos fueron recolectados en abril de 2022, por medio de un formulario en línea que incluía el cuestionario sociodemográfico, la escala de autoeficacia en la formación superior, el cuestionario de historia de lectura y la escala hospitalaria de ansiedad y depresión. El tratamiento de los datos se realizó por estadística descriptiva e inferencial (pruebas U de Mann-Whitney, Tau-b de Kendall y Regresión Lineal Múltiple). Los resultados evidenciaron un posible riesgo leve de dislexia, posibilidad de depresión y autoeficacia moderada en los participantes. Además, se encontraron diferencias significativas entre hombres y mujeres: los universitarios presentaron mayor riesgo de dislexia mientras que las universitarias exhibieron niveles más elevados de depresión. También se identificó una correlación moderada y negativa entre AEFS, HL y síntomas depresivos. Asimismo, la autoeficacia puede ser un predictor significativo de la presencia de indicador de riesgo para dislexia a partir de la HL y de los síntomas depresivos en estudiantes de ambos sexos. Es importante incentivar estrategias para el manejo de la depresión e incluir acciones pedagógicas para aumentar la AEFS durante los cursos universitarios en programas de apoyo de las universidades.

Palabras clave: Autoeficacia, Dislexia, Salud Mental, Educación Superior.

INTRODUÇÃO

A dislexia é um transtorno específico de aprendizagem que afeta a capacidade de ler e compreender textos, inclusive em estudantes universitários (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2023). Embora muitos avanços tenham sido feitos para entender melhor a dislexia na educação superior, ainda é necessário ampliar a compreensão sobre esse transtorno (PEREIRA; SILVA, 2023). Em 2021, havia 63.404 matriculados com deficiência em instituições de ensino superior no país, mas o número de disléxicos não foi levantado (INEP, 2022). Um estudo do Instituto ABCD (2020) reportou que há aproximadamente 7,8 milhões de

indivíduos com dislexia no país, sem especificações sobre os números deste matriculados no ensino superior.

No contexto universitário, estudantes disléxicos podem ter dificuldades na leitura, escrita, compreensão e produção de textos acadêmicos complexos, bem como problemas de organização e planejamento (DONATO, 2022). Sua história de leitura (HL) também pode ser afetada pela dislexia (MAZUR; CHENU, 2023). Paralelo a isso, a dislexia pode ser mais prevalente em indivíduos do sexo masculino (KRAFNICK; EVANS, 2019; LÓPEZ-ESCRIBANO; SÁNCHEZ; CARRETERO, 2018), destacando a importância de considerar o sexo ao investigar a presença dessa condição em universitários.

É importante enfatizar que estudantes com dislexia, tanto ingressantes quanto veteranos, podem enfrentar diversos obstáculos na universidade (ILARIA *et al.*, 2022). Os ingressantes podem ter dificuldades em se adaptar a um ambiente acadêmico novo e desconhecido, enquanto os veteranos podem enfrentar desafios para manter a motivação e lidar com a carga de trabalho intensa (NELSON; LIEBEL, 2018). Esses desafios podem levar a problemas de saúde mental, como depressão, muitas vezes associada à pressão para obter um bom desempenho acadêmico (PEREIRA; SILVA, 2023).

Diversos autores têm apontado uma alta prevalência de sintomas depressivos entre universitários com dislexia, muitas vezes associados à pressão para obter um bom desempenho acadêmico (SCORZA; ZONNO; BENASSI, 2018; VENDER; MELLONI; DELFITTO, 2022). Diante dessa situação, é importante discutir estratégias e recursos para apoiar esses alunos e promover sua saúde mental durante a graduação.

Nesse sentido, investigações evidenciaram que a autoeficácia (AE) é um fator protetor contra a depressão em universitários (CAPRARA *et al.*, 2020; KARR; WHITE, 2022). Logo, estudantes com alta AE apresentaram menor risco de desenvolver sintomas depressivos (MATTEUCCI; SONCINI, 2021). Assim, cabe registrar que a autoeficácia é definida como a crença do indivíduo em sua capacidade de organizar e executar ações necessárias para atingir resultados específicos (BANDURA, 1997). No contexto educativo, isso se traduz em crenças na própria capacidade de planejar, organizar e implementar atividades necessárias para alcançar objetivos educacionais (USHER; PAJARES, 2008).

Dentro desse cenário, Polydoro e Guerreiro-Casanova (2010) apresentam o construto da autoeficácia na formação superior (AEFS), baseado na Teoria Social Cognitiva de Bandura (1997). Esse construto se refere à crença de um estudante em sua capacidade de planejar e executar ações necessárias para alcançar resultados específicos relacionados às tarefas acadêmicas do ensino superior. Estudos apontam que essa crença pode afetar diretamente o rendimento acadêmico dos universitários disléxicos, pois quanto maior a AEFS, maior é a motivação e o esforço investidos nas tarefas e desafios da vida universitária (ELGENDI *et al.*, 2021; MATTEUCCI; SONCINI, 2021).

Acrescenta-se que algumas pesquisas têm indicado a presença de diferenças na autoeficácia entre homens e mulheres (GUTIÉRREZ-GARCÍA; LANDEROS-VELÁZQUEZ, 2018; SANTOS *et al.*, 2019). Especificamente, Shkullaku (2013) constatou que homens apresentaram escores mais elevados desse construto, o que não havia sido detectado em um estudo anterior conduzido por Vega *et al.* (2012). A existência dessa incongruência nos achados sugere a necessidade de trazer pesquisas que apontam diferenças devido à cultura e a socialização a que são submetidos homens e mulheres. Além disso, Luo *et al.* (2022) e Soland e Sandilos (2021) destacam que a AE entre universitários tende a reduzir no último ano da graduação, o que ressalta a importância de se compreender os fatores que influenciam essa variável em diferentes etapas da vida acadêmica.

Nesta perspectiva, Casali *et al.* (2023) ressaltam que a promoção de autoeficácia pode ter um papel importante na redução da sintomatologia depressiva associada à dislexia em alunos do ensino superior. O fato é que a avaliação forte da eficácia de suas ações pode levar a uma maior sensação de AE e à redução dos sintomas depressivos. Por outro lado, a frágil AE pode levar a sentimentos de desesperança e desamparo, agravando a depressão (BROWN, 2021).

Por meio da literatura, foi possível também compreender que a AEFS, a HL e a depressão podem se relacionar em amostras de estudantes universitários e que essas variáveis influenciam a adaptação ao ambiente acadêmico e a capacidade de lidar com os desafios da vida universitária (MATTEUCCI; SONCINI, 2021; ELGENDI *et al.*, 2021; SCORZA; ZONNO; BENASSI, 2018). A nível nacional são escassas as investigações referentes à AE em relação à depressão e à HL dos alunos com risco de dislexia. Assim, o presente artigo buscou investigar as relações entre as dimensões da autoeficácia na formação superior, história de

leitura e sintomas depressivos em uma amostra de estudantes universitários com suspeita de dislexia. Especificamente, almejou-se analisar possíveis diferenças na autoeficácia na formação superior, história de leitura e depressão considerando o sexo e o momento do curso (ingressantes e veteranos).

Nesse sentido, elaborou-se as seguintes hipóteses: (H1) Há diferenças significativas em relação aos sinais de dislexia e depressão em homens e mulheres; (H2) Há diferenças entre AEFS, HL e depressão de acordo com o sexo; (H3) Universitários ingressantes apresentam maior AEFS em comparação com os veteranos; (H4) Existem relações entre as dimensões da AEFS, HL e depressão em homens e mulheres; e (H5) AEFS pode ser preditora para HL e depressão em homens e mulheres.

MATERIAL E MÉTODOS

Tipo de estudo

Este é um estudo de abordagem quantitativa, do tipo descritivo- inferencial e transversal. Os dados foram coletados em um único momento por meio de um formulário on-line.

Participantes

A amostra, não probabilística e de conveniência, foi composta por 303 (Média = 21,4; desvio padrão = 2,0) alunos que frequentavam cursos das áreas de Ciências Biológicas e da Saúde (35%); Sociais Aplicadas (19,5%); Exatas, da Terra e Agrárias (18,8%); Engenharias (10,6%); Humanas (8,6%); e Linguística, Letras e Artes (7,6%), na Universidade Federal de Sergipe (UFS), localizada na região Nordeste do Brasil. Entre os participantes, 59,7% eram ingressantes, 64% indicaram pertencer ao sexo feminino e 85,8% estavam solteiros.

Com relação à renda mensal familiar, 47,5% dos participantes indicaram um a dois salários-mínimos, 21,1% dois a cinco, 10,6% mais de cinco, 17,5% menos de um e 3,3% sem

renda. Quanto à cor ou etnia, 55,8% se definiram como pardos, 26,7% como brancos, 15,8% como pretos e 1,7% como indígenas.

Instrumentos

Questionário Sociodemográfico: Elaborado especificamente para uso neste estudo, esse instrumento coletou informações dos participantes referentes ao sexo, idade, curso, cor/etnia, renda familiar e ano universitário frequentado.

Escala de Autoeficácia na Formação Superior – EAEFS (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2010): É um instrumento de origem nacional que apresenta 34 itens acerca da crença sobre a capacidade para executar distintas tarefas presentes no ensino superior e que devem ser respondidas em formato *Likert*, com opções que variam de 1 (pouco capaz) até 10 (muito capaz). Tal escala explica 56,678% da variância, sendo composta por cinco fatores: (1) autoeficácia acadêmica; (2) autoeficácia na regulação da formação; (3) autoeficácia na interação social; (4) autoeficácia em ações proativas; e (5) autoeficácia na gestão acadêmica. Apresentou consistência interna total de 0,94, variando entre 0,80 e 0,88 os valores do *Coefficiente Alfa de Cronbach* para os fatores (POLYDORO; GUERREIRO-CASANOVA, 2010). Neste trabalho, o α de Cronbach foi de 0,95 para a EAEFS, revelando alta confiabilidade.

Questionário de História de Leitura – QHL (PEREIRA; SILVA; SILVA, 2022): trata-se de uma ferramenta para avaliar o risco de dislexia com base na HL. Já utilizada em um estudo comparativo (PTÁČKOVÁ; MARTINS; LUKASOVA, 2023) entre estudantes universitários tchecos e brasileiros disléxicos e não disléxicos, esse questionário apresentou resultados positivos na identificação de indivíduos com dificuldades de leitura e permitiu estimar o nível de risco para dislexia, sendo considerado um instrumento padronizado adequado para identificar condições de dislexia em estudos universitários (ALVES; CASTRO, 2003; LEFLY; PENNINGTON, 2000). O QHL é composto por 25 indagações para investigar a presença de indicadores de dislexia e a frequência de determinadas práticas de literacia, que devem ser respondidas em formato *Likert*, com opções que variam de 0 (nunca) até 3 (maior parte do tempo). Esse instrumento foi adaptado para uso no Brasil e apresentou boa confiabilidade (α de Cronbach = 0,85), o que foi confirmado neste trabalho (α = 0,85).

Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão – HAD (BOTEGA *et al.*, 1995): é composta por 14 indagações voltadas à avaliação de sintomas ansiosos e depressivos, que devem ser respondidas em formato *Likert*, com opções que variam de 0 (nunca) até 3 (maior parte do tempo). A escala é dividida em duas subescalas independentes com 7 itens cada: HAD-A (Ansiedade) e HAD-D (Depressão). Neste estudo, apenas a subescala HAD-D foi utilizada para avaliar a depressão entre os participantes. Esta subescala apresentou um escore aceitável de confiabilidade ($\alpha = 0,77$), o que foi confirmado neste trabalho ($\alpha = 0,78$).

Procedimentos e análise de dados

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Sergipe sob parecer nº 5.158.438 e seguiu todas as recomendações éticas nacionais. Por tratar-se de um questionário para resposta on-line, todos os participantes manifestaram sua anuência em participar da pesquisa mediante de uma autorização prévia através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, acessado por um link do Google Forms.

A coleta de dados ocorreu on-line em abril de 2022 (duração de 30 dias) com estudantes universitários recrutados por meio de e-mail institucional. O questionário foi organizado pelo aplicativo do Google Forms e dividido em quatro partes: sociodemográfico, AEFS, HL e sintomas depressivos. Para corrigir possíveis vieses, o preenchimento do campo referente ao e-mail de cada participante foi obrigatório.

Após a coleta, os dados foram tabulados e submetidos à análise estatística através do programa *Statistical Package for the Social Science* (SPSS) versão 25. Primeiramente, mencionase que para evitar vieses na comparação e integração dos resultados e minimizar o risco de vieses nos resultados do estudo, as pontuações da EAEFS e da HAD-D foram normalizadas para se adequarem ao QHL com uma escala de 100 pontos. Isso foi feito utilizando a mesma escala de pontuação para todos os instrumentos, reduzindo a possibilidade de distorções decorrentes de diferenças nas escalas originais.

Na sequência, foi realizada uma análise descritiva para a caracterização dos participantes (média, desvio padrão, medianas, intervalo interquartil e frequências absolutas

e relativas). Verificou-se a normalidade dos dados por meio do Teste de *Shapiro-Wilk*, a fim de direcionar a escolha dos testes estatísticos a serem aplicados. Constatou-se que a amostra não segue uma distribuição normal, o que indica a necessidade de se utilizar testes de hipótese não paramétricos.

Para análise inferencial foi aplicado o teste *U* de *Mann-Whitney* para comparar as diferenças estatísticas existentes entre AEFS, HL e depressão em universitários de acordo com o sexo e o momento do curso. Adicionalmente, o tamanho do efeito *d* de *Cohen* foi calculado para todas as variáveis investigadas. Segundo Serdar *et al.* (2021), a interpretação ocorre da seguinte forma: pequeno ($d = 0,2$); médio ($d = 0,5$) e grande ($d = 0,8$).

Por sua vez, utilizou-se o teste de coeficiente de correlação de *Tau-b* de *Kendall* (τ) para testar as relações entre as variáveis, considerando coeficientes entre -1 e +1. Em relação aos critérios de interpretação dessas correlações o sinal indica direção positiva ou negativa do relacionamento das variáveis, enquanto o valor sugere a magnitude da relação, considerando $r_\tau = 0,10$ a $0,30$ (fraca); $r_\tau = 0,40$ até $0,70$ (moderada); $r_\tau = 0,80$ a 1 (forte) (AGRESTI, 2018).

Posteriormente, realizou-se análises de regressão linear múltipla (método *enter*), utilizando como regressores as associações de AEFS (variável independente ou explicativa) com HL e depressão (variáveis dependentes ou de desfecho) entre os participantes. Nesse ponto, a confirmação da adequação do modelo proposto foi corroborada pelo teste estatístico de *Durbin-Watson*, cujo valores obtidos ficaram próximos a 2 – variando de 2,080 a 1,888 – indicando a independência da distribuição e a não correlação dos resíduos.

Assim, os resultados foram dados por meio de seus respectivos coeficientes *B* (não padronizado), β (padronizado), erro-padrão, coeficiente de determinação (R^2), valor de *p* e seus respectivos intervalos de confiança de 95% ($IC_{95\%}$). Todos os testes consideraram o nível de significância estatística $p < 0,05$.

RESULTADOS

Na apresentação dos resultados, serão considerados as seguintes categorias: Análise descritiva e comparativa por sexo e momento do curso do questionário de história de leitura e das escalas de autoeficácia na formação superior e depressão, e Relação e associação de fatores da autoeficácia na formação superior com a história de leitura e a depressão, considerando o sexo.

Análise descritiva e comparativa por sexo e momento do curso do questionário de história de leitura e da escala de autoeficácia na formação superior

A Tabela 1 apresenta a análise descritiva (medianas, intervalo interquartil, mínimo e máximo) e comparativa (nível de significância e tamanhos de efeito) por sexo e momento do curso do questionário de história de leitura e das escalas de autoeficácia na formação superior e depressão. Neste momento, retomamos algumas das hipóteses estudadas. A primeira hipótese propõe que há diferenças quantitativas em relação aos sinais de dislexia e depressão entre homens e mulheres. A segunda hipótese indica que há diferenças entre AEFS, HL e depressão de acordo com o sexo. Já a terceira hipótese afirma que os universitários ingressantes apresentam maior AEFS em comparação com os veteranos.

Tabela 1. Estatísticas descritivas e comparações por sexo e momento do curso do Questionário de História de Leitura e da Escalas de Autoeficácia na Formação Superior e Depressão ($n = 303$)

Sexo (M = 109; F = 194)				Momento do curso (I = 181; V = 122)			
	Md/IIQ/Min/Máx	*p	d de Cohen		Md/IIQ/Min/Máx	*p	d de Cohen
Escore do QHL– Md= 52,0; IIQ= 11,34; min= 28; máx= 90							
M	53,0/15,0/31/87	0,015	3,413	I	49,0/13,0/31/90	0,116	1,411
F	50,0/14,0/28/90			V	52,0/15,0/28/79		
Escore da EAEFS – Md= 70,9; IIQ= 18,89; min= 12,6; máx= 99,7							
M	72/25,5/12,6/98,6	0,463	0,743	I	82,2/20,7/30,1/99,7	<0,001	8,675
F	74,2/26,4/13,1/99,7			V	69,7/27,9/12,6/99,1		
AE acadêmica – Md= 70,9; IIQ= 18,90; min= 12,6; máx= 99,71							
M	73,3/22,2/16,7/83,3	0,534	0,606	I	83,3/17,2/25,5/100	<0,001	7,468
F	75,5/25,5/15,5/100			V	71,1/26,9/15,5/100		
AE na regulação da formação – Md= 72,5; IIQ= 18,01; min= 15,5; máx= 100							
M	72,8/29,3/11,4/100			I	84,3/21,4/15,7/100		

Autoeficácia na formação superior em estudantes suspeitos de dislexia:
relações com história de leitura e sintomas depressivos

F	75,7/31,8/10/100	0,826	1,024	V	69,3/30,3/10/100	<0,001	8,434
AE em ações proativas – Md= 70,9; IIQ= 21,76; min= 10; máx= 100							
M	67,1/26,4/10/100	0,588	0,600	I	80/25,7/27,1/100	<0,001	9,400
F	70,7/32,8/10/100			V	64,3/27,1/10/100		
AE na interação social – Md= 69,6; IIQ= 20,20; min= 10; máx= 100							
M	71,4/26,4/10/100	0,670	0,691	I	81,4/22,1/20/100	0,001	7,291
F	71,4/30/14,3/100			V	68,5/31,4/10/100		
AE na gestão acadêmica – Md= 74,5; IIQ= 21,46; min= 10; máx= 100							
M	70/32,5/15/100	0,003	3,772	I	90/20/25/100	<0,001	7,096
F	82,5/27,5/10/100			V	72,5/32,5/10/100		
Escore da HADS-D – Md= 41,0; IIQ= 19,22; min= 0; máx= 100							
M	38,1/26,2/0/80,9	0,011	3,566	I	33,326,2/0/90,4	0,001	4,206
F	42,8/28,5/0/90,5			V	42,8/28,5/4,7/85,7		

Legenda: Md, IIQ, Min e Máx representam mediana, intervalo interquartil, mínimo e máximo, respectivamente. M – Masculino; F – Feminino; I – Ingressantes; V – Veteranos; AE – Autoeficácia; QHL – Questionário de História de Leitura; EAEFS – Escala de Autoeficácia na Formação Superior; EHADS-D – Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão – Depressão; *Teste U de Mann-Whitney; $p < 0,05$.

Fonte: Autores.

Como é possível observar na Tabela 1, o risco de dislexia foi avaliado por meio do QHL, indicando o nível geral de literacia. No total do questionário, os participantes apresentaram um escore mediano de 52,0 pontos, o que indica um possível risco leve de dislexia. A depressão

foi avaliada por meio da escala HADS-D, sendo que quanto maior a pontuação, mais provável é a presença de sintomas depressivos. Os universitários apresentaram uma mediana total do escore de 41,0 pontos, indicando que a maior parte da amostra apresentou risco para possível depressão. Já a autoeficácia na formação superior foi avaliada por meio da EAEFS, constatando-se uma mediana moderada na totalidade da escala, que foi de 70,9 pontos.

Em relação à amostra investigada e ao momento do curso, os universitários ingressantes apresentaram medianas mais altas de AEFS enquanto os veteranos obtiveram maiores escores medianos de depressão e risco leve de dislexia de acordo com os indicadores do QHL.

No que diz respeito às crenças de AEFS e à amostra estudada, observou-se escores medianos moderados em todas as dimensões da EAEFS: autoeficácia acadêmica relacionada às crenças sobre a capacidade de aprender e usar os conhecimentos; autoeficácia na regulação da formação que avalia a percepção na capacidade de autorregular as ações acadêmicas; autoeficácia na interação social que mede as crenças dos alunos em sua capacidade de estabelecer relacionamentos com colegas e professores; autoeficácia em ações proativas vinculada às crenças na capacidade de aproveitar e promover oportunidades de formação; e autoeficácia na gestão acadêmica que avalia a percepção do estudante sobre a capacidade para envolver-se e cumprir as exigências institucionais.

Também houve diferença estatisticamente significativa entre os sexos, como mostra a Tabela 1. Os homens apresentaram maior risco para dislexia do que as mulheres. As mulheres tiveram níveis mais altos de depressão do que os homens e percepções mais fortes de autoeficácia. No entanto, não foram observadas diferenças significativas de AEFS entre os sexos.

Com base nos resultados apresentados, foi observado o predomínio do tamanho de efeito grande. Consequentemente, conclui-se que a primeira e terceira hipóteses foram confirmadas, enquanto a segunda foi parcialmente aceita.

Relação e associação de fatores da autoeficácia na formação superior com a história de leitura e a depressão, considerando o sexo

A Tabela 2 apresenta os Coeficientes de Tau-b de Kendall, que medem a correlação entre o questionário de história de leitura, as escalas de autoeficácia na formação superior e depressão, tendo por referência o sexo dos participantes. Esses resultados estão relacionados à terceira hipótese do estudo, que propõe a existência de relações entre as dimensões da AEFS, HL e sintomatologia depressiva em homens e mulheres.

Tabela 2. Coeficientes de Tau-b de Kendall entre o Questionário de História de Leitura e as Escalas de Autoeficácia na Formação Superior e Depressão ($n = 303$)

Variáveis	AE na formação superior						
	AEFS total	AE Acadêmica	AE na regulação da formação	AE em ações proativas	AE na interação social	AE na gestão acadêmica	
Homens ($n = 109$)							
HL	r_τ	-0,365*	-0,413*	-0,333*	-0,343*	-0,282	-0,318*
Depressão	r_τ	-0,352*	-0,350*	-0,303*	-0,323*	-0,323*	-0,321*
Mulheres ($n = 194$)							
HL	r_τ	-0,318*	-0,310*	-0,294	-0,289	-0,253	-0,333*
Depressão	r_τ	-0,366*	-0,347*	-0,370*	-0,333*	-0,318*	-0,325*

Legenda: AE – Autoeficácia; HL – História de Leitura; r_τ = Coeficiente de Correlação de Tau-b de Kendall.

* $p < 0,001$

Fonte: Autores.

Os resultados (Tabela 2) mostram a existência de correlações negativas e estatisticamente significativas entre a AEFS e suas dimensões, com HL e depressão. Isso indica que quanto maior a crença do estudante em sua capacidade de organizar e executar ações para atingir seus objetivos no ensino superior, menos frequentes são os sintomas depressivos e os indicadores de dislexia por meio da literacia.

Quanto à força destas correlações, observou-se que a maioria das relações estudadas eram moderadas e apenas quatro mostraram-se fracas. As correlações moderadas incluíam a relação entre os escores totais dos três instrumentos utilizados no estudo: as Escalas AEFS, HADS-D e o QHL.

Os escores totais do QHL em relação aos homens apresentaram correlações negativas e moderadas com algumas dimensões da EAEFS, como autoeficácia acadêmica, na regulação da formação, em ações proativas e na gestão acadêmica. No entanto, a autoeficácia na interação social apresentou apenas relação fraca com o escore total do QHL. Em relação às mulheres, os escores totais do QHL apresentaram correlações negativas e moderadas com as dimensões de autoeficácia acadêmica e na gestão acadêmica da EAEFS. Ainda na amostra do sexo feminino, a autoeficácia em ações proativas, regulação da formação e interação social da EAEFS apresentaram correlações fracas com o escore total do QHL. Em ambos os sexos, quanto maiores os escores dos indicadores de dislexia mediante da literacia, menores valores das medianas da autoeficácia entre os participantes.

Por sua vez, o escore total da HADS-D apresentou correlações negativas moderadas com todas as dimensões da EAEFS em ambos os sexos da amostra investigada. Assim, quanto maiores os escores medianos de depressão, menor é a crença de autoeficácia.

Com base nos achados, confirmou-se a quarta hipótese deste estudo.

Em sequência, tendo em vista o padrão de resultados ora apresentados, decidiu-se testar a quinta hipótese de que a AEFS pode ser preditora para HL e depressão em homens e mulheres, como é apresentado na Tabela 3.

Tabela 3. Modelos de regressão linear múltipla para prever a escala HADS-D e o QHL através da escala AEFS entre os participantes ($n = 303$)

Escala AEFS total							
	Coeficiente padronizado β	Coeficiente não padronizado		$IC_{95\%}$	p	R^2	Durbin-Watson
		B	Erro-padrão				
Instrumentos	Homens ($n = 109$)					0,429	2,080
Constante	-	57,753	15,512	26,935 - 88,571	<0,001*		
QHL	-0,265*	-0,430	0,156	-0,739 - -0,121	0,007*		
HADS-D	-0,173	-0,172	0,109	-0,388 - 0,045	0,119		
	Mulheres ($n = 194$)					0,401	1,888
Constante	-	95,451	11,764	72,240 - 118,662	<0,001*		
QHL	-0,238	-0,407	0,166	-0,636 - -0,178	0,001*		
HADS-D	-0,299*	-0,297	0,077	-0,449 - -0,144	<0,001*		

Legenda: EAEFS = Escala de Autoeficácia na Formação Superior; HADS-D = Escala Hospitalar de Ansiedade e Depressão – Depressão; β = Coeficiente beta padronizado; B = Coeficiente beta não padronizado; IC_{95%} = Intervalo de confiança de 95%; R^2 = coeficiente de determinação.

* $p < 0,001$

Fonte: Autores.

O modelo de regressão múltipla testado (Tabela 3) indicou que o escore total da AEFS explica boa parte da variância da associação entre o escore indicador de risco para dislexia de acordo com a literacia (HL) e da presença de sintomas de depressão (HADS-D) entre os participantes. Para os homens, a AEFS apresentou maior associação negativa com HL, enquanto para as mulheres, essa variável exibiu maior associação com depressão. Ambos os modelos foram avaliados de acordo com critérios estabelecidos em conjunto com todas as análises e considerados adequados para explicar tanto a HL quanto os sintomas depressivos nos participantes de ambos os sexos. Isso significa que quando a variável AEFS (independente ou explicativa) aumenta, as variáveis depressão e história de leitura (dependente ou de desfecho) diminuem.

Em suma, de acordo com os dados constatou-se que a autoeficácia pode ser preditora da HL e depressão em universitários de ambos os sexos, assim, esses resultados confirmam a quinta e última hipótese.

DISCUSSÃO

Este artigo investigou as relações entre as dimensões da autoeficácia na formação superior, história de leitura e sintomas depressivos em uma amostra de estudantes universitários com suspeita de dislexia. Os resultados foram ao encontro das hipóteses colocadas, inicialmente, observou-se a presença de evidências de risco para dislexia leve e sintomatologia depressiva entre os participantes. Esses dados estão de acordo com alguns autores que consideram a relevância do QHL utilizado neste estudo para identificar sinais de risco para dislexia em universitários (ALVES; CASTRO, 2003; LEFLY; PENNINGTON, 2000; PTÁČKOVÁ; MARTINS; LUKASOVA, 2022). Além disso, outros estudiosos apontaram que universitários com sinais de dislexia podem estar em maior risco de desenvolver sintomatologia depressiva em comparação com aqueles leitores típicos (NELSON; LIEBEL, 2018; VENDER; MELLONI; DELFITTO, 2022).

Confirmando a primeira hipótese, verificou-se que os homens têm maior probabilidade de desenvolver dislexia do que as mulheres. Por outro lado, as mulheres apresentaram maiores escores medianos de depressão. Wahed e Hassan (2017) sugerem que

as universitárias têm uma maior propensão de apresentar sintomas depressivos em comparação com universitários. No entanto, não há consenso na literatura sobre se os homens apresentam mais risco de dislexia na idade adulta (BASTA *et al.*, 2022; CORNOLDI *et al.*, 2022).

Por sua vez, a segunda hipótese foi parcialmente aceita. Diferenças entre os sexos foram observadas na HL e depressão, mas não na AEFS na amostra investigada. Esses achados estão alinhados com a teoria da AEFS, que indica que a construção da EAEFS é semelhante para os sexos e possíveis diferenças usualmente são explicadas como decorrentes da cultura e socialização (BANDURA, 2017).

Relativamente à terceira hipótese, foi confirmado que os universitários ingressantes apresentam maior AEFS em comparação com os veteranos. Isso pode ser explicado pelo fato de que a autoeficácia tende a diminuir no primeiro ano de curso, pois os alunos recalibram sua percepção inicial diante da experiência acadêmica direta (GUERREIRO-CASANOVA; POLYDORO, 2011a, 2011b). No entanto, dado o desconhecimento destes pesquisadores sobre a realização de estudos longitudinais com universitários, destaca-se a necessidade de se ampliar esse conhecimento.

Sobre à quarta e quinta hipóteses, confirmou-se as relações entre a AEFS com HL e depressão, e os resultados indicaram que a autoeficácia pode ser uma importante preditora de HL e depressão na amostra estudada. Isso corrobora com outros estudos (ELGENDI *et al.*, 2021; SCORZA, ZONNO; BENASSI, 2018) e sugere que a autoeficácia dos universitários é essencial para o planejamento de intervenções preventivas em indivíduos suspeitos de dislexia, visando reduzir os sintomas depressivos e as dificuldades acadêmicas durante seu percurso universitário.

Foi possível perceber que os coeficientes encontrados nas análises de correlação e regressão foram significativos e negativos, indicando uma relação inversa entre a AEFS, a HL e a sintomatologia depressiva em ambos os sexos. Esses resultados são importantes na pesquisa porque podem fornecer indícios de que quanto maior a autoeficácia, menor a probabilidade da presença de indicadores de dislexia (a partir da HL) e sintomas depressivos na amostra investigada. Além disso, essas evidências corroboram o aspecto protetor da

autoeficácia frente à depressão, como já postulado na literatura (CAPRARA *et al.*, 2020; KARR: WHITE, 2022).

Deve-se ressaltar que as dimensões da AEFS investigadas também podem contribuir para o desempenho acadêmico no ensino superior. Autoeficácia acadêmica, na regulação da formação, em ações proativas e na gestão acadêmica são competências importantes que favorecem a adaptação acadêmica geral e ajudam os estudantes a lidar com o percurso acadêmico no decorrer da graduação. Dessa forma, aqueles suspeitos de dislexia que são mais autoeficazes tendem a ter mais sucesso em lidar com as dificuldades que podem enfrentam na leitura, escrita, compreensão e produção de textos acadêmicos complexos, bem como na organização e planejamento das atividades acadêmicas (ELGENDI *et al.*, 2021; MATTEUCCI; SONCINI, 2021).

Nessa vertente, alunos que acreditam em sua capacidade de aprender e dominar novas habilidades são mais propensos a se dedicarem e perseverarem diante das dificuldades (MAZUR; CHENU, 2023). Aqueles que possuem uma crença positiva em sua capacidade de gerenciar o tempo de forma eficaz são mais proativos na organização de suas tarefas e atividades (AUTOR, 2023; SCORZA; ZONNO; BENASSI, 2018). Em termos gerais, o fortalecimento das crenças de autoeficácia é fundamental para ajudar os universitários suspeitos de dislexia a lidar com as dificuldades que enfrentam na vida acadêmica. Ademais, é importante esclarecer que os resultados desta pesquisa foram obtidos no período pós-pandemia da COVID-19, quando os estudantes universitários começaram a se adaptar às mudanças nas rotinas acadêmicas. No entanto, não foi possível adentrar nesse contexto devido à falta de literatura sobre o impacto da pandemia e sua relação com as variáveis investigadas na vida dos universitários disléxicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo forneceu indícios que apoiam quatro hipóteses (H1, H3, H4 e H5), e outra parcialmente (H2). A partir delas, identificou-se que houve associação negativa e moderada entre a história de leitura (indicador de sinais de dislexia) e a depressão com todos os fatores

da escala de AEFS na amostra investigada. Os participantes desta pesquisa apresentaram um possível risco leve de dislexia, assim como a possibilidade de sintomas depressivos e autoeficácia moderada. Além disso, os resultados evidenciaram que a autoeficácia pode ser preditora da presença de indicador de risco para dislexia (a partir da HL) e sintomas de depressão em universitários suspeitos de dislexia.

Assim, pode-se sugerir que a AEFS possa ser utilizada ações preventivas e para a minimização de possíveis sintomas depressivos, levando em conta sua importância para o desempenho acadêmico e a saúde mental desses jovens adultos. Recomenda-se também que o professor possa considerar intervenções para potencialmente aumentar a autoeficácia do aluno que apresente sinais de dislexia em sala de aula. Essas ações podem incluir fornecer instruções claras e bem-organizadas, dar *feedback* construtivo e motivador, empregar estratégias de ensino diferenciadas e criar um ambiente de suporte. Tais medidas, podem ajudar a aumentar a confiança do estudante em sua capacidade de enfrentar desafios na universidade e, possivelmente, beneficiar tanto sua saúde mental quanto o seu sucesso acadêmico.

Naturalmente, existem limitações formais que devem ser observadas. Uma delas é seu delineamento transversal, que não permite estabelecer uma relação causal entre AEFS, HL e depressão. Outra limitação é a amostra ser composta por universitários de um único município e de uma universidade pública, além do tamanho amostral, o que limita a representatividade e generalização dos achados.

Apesar das limitações, a presente pesquisa foi pioneira no Brasil ao investigar empiricamente a relação entre AEFS, HL e depressão em estudantes universitários brasileiros com suspeita de dislexia. Este estudo transversal pode ser visto como um acréscimo relevante à literatura científica na área, fornecendo subsídios para novas pesquisas longitudinais ou experimentais com amostras maiores em municípios brasileiros. Esses trabalhos podem ser conduzidos em instituições universitárias, sejam elas públicas ou privadas, para que seja possível corroborar com os resultados obtidos na presente investigação.

Para maior aprofundamento da temática, a título de agenda de pesquisa, propomos que futuros estudos avancem na compreensão sobre a relação entre AEFS, HL e depressão em

estudantes suspeitos de dislexia. Esses trabalhos poderiam identificar novas variáveis e explicar os mecanismos existentes entre essas relações com AEFS, HL e sintomas depressivos. Assim, seria interessante que essas investigações fossem realizados em amostras de universitários disléxicos e não disléxicos para melhor representar o universo acadêmico. A descoberta de fatores que impactam na saúde mental e no desempenho acadêmico pode subsidiar intervenções psicológicas e pedagógicas mais específicas e colaborar para a promoção da saúde mental e o sucesso no percurso universitário dos estudantes.

CONTRIBUIÇÃO DOS AUTORES

Mara Dantas Pereira: Responsável pela concepção e desenvolvimento, levantamento bibliográfico, coleta e análise dos dados, bem como pelo design da apresentação de dados e redação do texto final. Todos os autores revisaram e aprovaram a versão final submetida, assumindo responsabilidade integral pelo conteúdo e pelos resultados apresentados.

Daniela Couto Guerreiro Casanova: Contribuiu para a análise dos dados, investigação, supervisão, validação de dados e edição e revisão crítica do texto. Todos os autores revisaram e aprovaram a versão final submetida, assumindo responsabilidade integral pelo conteúdo e pelos resultados apresentados.

Joilson Pereira da Silva: Contribuiu para a supervisão, validação de dados, edição e revisão crítica do texto. Todos os autores revisaram e aprovaram a versão final submetida, assumindo responsabilidade integral pelo conteúdo e pelos resultados apresentados.

REFERÊNCIAS

AGRESTI, A. An introduction to categorical data analysis. New Jersey: John Wiley & Sons, 2018.

ALVES, R. A.; CASTRO, S. L. Despistagem da dislexia em adultos através do Questionário História de LeituraAdult dyslexia screening using a Portuguese self-report measure. *Iberpsicología*, v. 10, p. 1-7, 2003. Disponível em: <<https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/6933/2/81968.pdf>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - DSM-5-TR: Texto Revisado. Porto Alegre: Artmed, 2023.

BANDURA, A. Self-efficacy: The exercise of control. New York: Worth Publishers, 1997.

BANDURA, A. Teoria social cognitiva no contexto cultural. In: BANDURA, Albert; AZZI, Roberta Gurgel (Orgs). *Teoria Social Cognitiva: diversos enfoques*. Campinas/SP: Mercado Letras, 2017.

BASTA, M. *et al.* Depression and anxiety symptoms in adolescents and young adults in Greece: Prevalence and associated factors. *Journal of Affective Disorders Reports*, v. 8, n. 1, p. 1-10, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.jadr.2022.100334>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

BJORNSDOTTIR, G. *et al.* The Adult Reading History Questionnaire (ARHQ) in Icelandic: psychometric properties and factor structure. *Journal of Learning Disabilities*, v. 47, n. 6, p. 532-542, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/0022219413478662>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BOTEGA, N. J. *et al.* Transtornos do humor em enfermaria de clínica médica e validação de escala de medida (HAD) de ansiedade e depressão. *Revista de Saúde Pública*, v. 29, p. 359-363, 1995. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0034-89101995000500004>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

BROWN, A. The influence of self-related constructs on the relationship between depressive symptoms and academic outcomes in college students. 2021. 97 f. Tese (Doctor of Philosophy) - Texas Tech University, Lubbock. Disponível em: <<https://ttu-ir.tdl.org/handle/2346/87840>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

CAPRARA, M. *et al.* How self-efficacy beliefs in dealing with negative emotions are associated to negative affect and to life satisfaction across gender and age. *Plos One*, v. 15, n. 11, p. 1-17, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1371/journal.pone.0242326>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CASALI, N. *et al.* Academic Achievement and Satisfaction Among University Students With Specific Learning Disabilities: The Roles of Soft Skills and Study-Related Factors. *Journal of Learning Disabilities*, v. 1, n. 1, p. 00222194221150786, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/00222194221150786>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CHEONG, W. S. *et al.* The prevalence of depression among students in higher education institution: a repeated cross-sectional study. *Journal of Public Mental Health*, v. 21, n. 1, p. 331-340, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1108/JPMH-12-2021-0152>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

CORNOLDI, C. *et al.* Difficulties of young adults with dyslexia in reading and writing numbers. *Journal of Learning Disabilities*, v. 55, n. 4, p. 338-348, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/00222194211037061>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

DONATO, A. *et al.* Students with dyslexia between school and university: Post-diploma choices and the reasons that determine them. An Italian study. *Dyslexia*, v. 28, n. 1, p. 110-127, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/dys.1692>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

ELGENDI, Mariem *et al.* Two aspects of psychological functioning in undergraduates with a history of reading difficulties: anxiety and self-efficacy. *Annals of Dyslexia*, v. 71, p. 84-102, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1007/s11881-021-00223-3>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; POLYDORO, S. A. J. Autoeficácia na formação superior: percepções durante o primeiro ano de graduação. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 31, p. 50-65, 2011a. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100006>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; POLYDORO, S. A. J. Autoeficácia e integração ao ensino superior: um estudo com estudantes de primeiro ano. *Psicologia: Teoria e Prática*, v. 13, n. 1, p. 75-88, 2011b. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872011000100006>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GUERREIRO-CASANOVA, D. C.; POLYDORO, S. Integração ao ensino superior: relações ao longo do primeiro ano de graduação. *Psicologia Ensino & Formação*, v. 1, n. 2, p. 85-96, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2177-20612010000200008>. Acesso em: 16 abr. 2023.

GUTIÉRREZ-GARCÍA, A. G.; LANDEROS-VELÁZQUEZ, María Gerarda. Autoeficacia académica y ansiedad, como incidente crítico, en mujeres y hombres universitarios. *Revista Costarricense de Psicología*, v. 37, n. 1, p. 1-25, 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.22544/rcps.v37i01.01>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

ILARIA, B. *et al.* Clustering analysis of factors affecting academic career of university students with dyslexia in Italy. *Scientific Reports*, v. 12, n. 1, p. 1-11, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1038/s41598-022-12985-w>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

INEP. Censo da Educação Superior 2021: Nota Estatística. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, 2022. Disponível em: <https://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2021/apresentacao_censo_da_educacao_superior_2021.pdf>. Acesso em: 6 abr. 2023.

INSTITUTO ABCD. Covid-19 e transtornos específicos de aprendizagem: Possíveis impactos e estratégias de enfrentamento no pós-pandemia. São Paulo: Instituto ABCD, 2020. Disponível em: <<https://www.institutoabcd.org.br/e-book-covid-19-e-transtornos-especificos-de-aprendizagem/>>. Acesso em: 20 abr. 2023.

KARR, J.; WHITE, A. Academic self-efficacy and cognitive strategy use in college students with and without depression or anxiety. *Journal of American College Health*, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/07448481.2022.2076561>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

KRAFNICK, A.; EVANS, T. Neurobiological sex differences in developmental dyslexia. *Frontiers in Psychology*, v. 9, n. 1, p. 1-14, 2019. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/doi/10.3389/fpsyg.2018.02669%3E>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

LEFLY, D.; PENNINGTON, B. Reliability and validity of the adult reading history questionnaire. *Journal of Learning Disabilities*, v. 33, n. 3, p. 286-296, 2000. Disponível em: <<https://doi.org/10.1177/002221940003300306>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

LIAO, C. *et al.* The relation between neuroticism and non-suicidal self-injury behavior among college students: Multiple mediating effects of emotion regulation and depression. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, v. 19, n. 5, p. 1-12, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/ijerph19052885>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

LÓPEZ-ESCRIBANO, C.; SÁNCHEZ, J. S.; CARRETERO, F. L. Prevalence of Developmental Dyslexia in Spanish University Students. *Brain Sciences*, v. 8, n. 5, p. 1-15, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.3390/brainsci8050082>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

LUO, Yunfeng; GAO, Wenjuan; LIU, Xinqiao. Longitudinal relationship between self-esteem and academic self-efficacy among college students in China: evidence from a cross-lagged model. *Frontiers in Psychology*, v. 13, p. 1-8, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389%2Ffpsyg.2022.877343>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

MATTEUCCI, M. C.; SONCINI, A. Self-efficacy and psychological well-being in a sample of Italian university students with and without Specific Learning Disorder. *Research in Developmental Disabilities*, v. 110, p. 1-11, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ridd.2021.103858>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

MAZUR, A.; CHENU, F. The revision process during handwritten text production: The case of French higher education students with dyslexia. *Dyslexia*, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/dys.1734>>. Acesso em: 6 abr. 2023.

NELSON, J.; LIEBEL, S. Socially desirable responding and college students with dyslexia: implications for the assessment of anxiety and depression. *Dyslexia*, v. 24, n. 1, p. 44-58, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.1002/dys.1563>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

PEREIRA, M. D.; SILVA, J. B. L.; SILVA, J. P. Avaliação de história de leitura em estudantes de uma universidade federal brasileira: fatores relacionados ao risco de dislexia. *SciELO Preprints*, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/scielopreprints.5114>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

PEREIRA, M. D.; SILVA, J. P. Olhares sobre a dislexia, inclusão e a saúde mental na educação superior. *Revista Teias*, v. 24, n. 72, p. 140-153, 2023. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/teias.2023.64427>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

PTÁČKOVÁ, M.; MARTINS, B.; LUKASOVA, K. Reading habits of Czech and Brazilian university students with and without dyslexia. *Revista CEFAC*, v. 24, 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0216/20222446022>>. Acesso em: 7 abr. 2023.

POLYDORO, S. A. J.; GUERREIRO-CASANOVA, D. C. Escala de auto-eficácia na formação superior: construção e estudo de validação. *Avaliação Psicológica*, v. 9, n. 2, p. 267-278, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1677-04712010000200011&lng=pt>. Acesso em: 7 abr. 2023.

Autoeficácia na formação superior em estudantes suspeitos de dislexia:
relações com história de leitura e sintomas depressivos

SANTOS, A. A. A.; ZANON, C.; ILHA, V. D. Autoeficácia na formação superior: seu papel preditivo na satisfação com a experiência acadêmica. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 36, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-0275201936e160077>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SCORZA, M.; ZONNO, M.; BENASSI, E. Dyslexia and psychopathological symptoms in Italian university students: A higher risk for anxiety disorders in male population?. *Journal of Psychopathology*, v. 24, n. 4, 193–203, 2018. Disponível em: <<https://psycnet.apa.org/record/2019-20694-001>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SERDAR, C. C. *et al.* Sample size, power and effect size revisited: simplified and practical approaches in pre-clinical, clinical and laboratory studies. *Biochemia Medica*, v. 31, n. 1, p. 27-53, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.11613%2FBM.2021.010502>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

SHKULLAKU, R. The relationship between self-efficacy and academic performance in the context of gender among Albanian students. *European Academic Research*, v. 1, n. 4, p. 467-478, 2013. Disponível em: <<https://www.euacademic.org/UploadArticle/33.pdf>>. Acesso em: 16 abr 2023.

SOLAND, J.; SANDILOS, L. English language learners, self-efficacy, and the achievement gap: Understanding the relationship between academic and social-emotional growth. *Journal of Education for Students Placed at Risk (JESPAR)*, v. 26, n. 1, p. 20-44, 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/10824669.2020.1787171>>. Acesso em: 16 abr. 2023.

THOMPSON, P. A. *et al.* Developmental dyslexia: predicting individual risk. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, v. 56, n. 9, p. 976-987, 2015. Disponível em: <<https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/25832320/>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

USHER, E.; PAJARES, F. Sources of self-efficacy in school: Critical review of the literature and future directions. *Review of Educational Research*, v. 78, n. 4, p. 751-796, 2008. Disponível em: <<https://doi.org/10.3102/0034654308321456>>. Acesso em: 21 abr. 2023.

VEGA, H. B. *et al.* Autoeficácia percebida en conductas académicas, diferencias entre hombres y mujeres. *Revista Mexicana de Investigación Educativa*, v. 17, n. 53, p. 557-571, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.org.mx/pdf/rmie/v17n53/v17n53a11.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

VENDER, M.; MELLONI, C.; DELFITTO, D. The effectiveness of reading intervention in adults with developmental dyslexia: A systematic review. *Italian Journal of Linguistics*, v. 34, n. 1, p. 189-232, 2022. Disponível em: <<https://www.italian-journal-linguistics.com/app/uploads/2022/09/8-Vender-Melloni-Delfitto.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2023.

WAHED, W. Y. A.; HASSAN, S. K. Prevalence and associated factors of stress, anxiety and depression among medical Fayoum University students. *Alexandria Journal of Medicine*, v. 53, n. 1, p. 77-84, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.1016/j.ajme.2016.01.005>>. Acesso em: 17 abr. 2023.

WU, Yin *et al.* The relationship between resilience and mental health in Chinese college students: a longitudinal cross-lagged analysis. *Frontiers in Psychology*, v. 11, p. 1-11, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.00108>>. Acesso em: 17 abr. 2023.



Este trabalho está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).